



BARROS, José D'Assunção. **Seis Desafios para a Historiografia do Novo Milênio**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019. 132 f.

### **Seis motivos para ler Seis Desafios para a Historiografia do Novo Milênio: alguns comentários**

**Six reasons to read “Six challenges to the Historiography of the New Millennium”: some comments**

*Robeilton de Souza Gomes<sup>1</sup>*

O mais recente livro do professor José D'Assunção Barros é resultado de texto inicialmente escrito para duas conferências. A primeira, em agosto de 2018, na Universidade Federal do Piauí; a segunda, em outubro de 2019, na Universidade Federal do Amazonas. Nessa nova publicação, a Editora Vozes repete a estratégia de publicar textos curtos do autor – fórmula testada com sucesso em *Teoria e Formação do Historiador* (2017) e *As hipóteses nas Ciências Humanas* (2017) – oportunizando o leitor ter acesso à ideia desenvolvidas em livros mais extensos e permitindo ao próprio autor rever parte da sua produção, atualizar o debate e se lançar em novos desafios.

Essa é a característica central de *Seis Desafios para a Historiografia do Novo Milênio* (2019): um texto conciso que, valendo-se de uma ampla discussão desenvolvida em livros anteriores do mesmo autor e da Historiografia em geral, aponta caminhos possíveis aos profissionais da História do nosso tempo.

Tomando como ponto de partida os avanços produzidos nos dois séculos anteriores, D'Assunção Barros propõe *seis novos desafios* aos historiadores do século XXI: *Reponsabilidade Social, Criatividade na Escrita,*

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Vinculado à linha Relações de Poder, Linguagens e História Intelectual, sob a orientação do Prof. Dr. José D'Assunção Barros. Bolsista Capes.

*Novas Interdisciplinaridades, Variedades de Suportes, Abrangência Autoral e Transferência de Criticidade.*

Com forma e conteúdo de manifesto – e aqui lembro o *Manifesto Pela Renovação da História* (2004), de Eric Hobsbawm (1917-2012) – o texto de D’Assunção Barros apresenta uma discussão política contundente como poucas vezes o autor se permitiu ao longo da sua vasta produção. Toca em temas espinhosos da política nacional e não tergiversa em tratar como golpe de Estado o que ocorreu no Brasil em 2016; em apontar as arbitrariedades do judiciário brasileiro, quando chamado a intervir em processos com nítido conteúdo político; sobre o alinhamento ideológico de parte da grande mídia a um projeto neoliberal de poder; assim como critica o conservadorismo repercutido em projetos como “escola sem partido” e concretizado numa agenda política reformista que solapa direitos sociais e trabalhistas historicamente conquistados.

Essa é a tônica dos capítulos que abrem e fecham as discussões – *Responsabilidade Social e Transferência de Criticidade*, em que o autor chama a atenção para o maior comprometimento que deve marcar a atuação dos profissionais da História no Brasil, com relação aos problemas contemporâneos do país.

Não apenas por essas questões, tão poucas vezes tratadas por historiadores, principalmente em livros de conteúdo teórico-metodológico e tão próximas aos acontecimentos referidos, *Seis Desafios para a Historiografia do Novo Milênio* traz ainda inúmeros problemas que enriquecem o debate histórico no contexto atual. Destacarei seis motivos principais que considero pertinentes para uma leitura proveitosa do livro e que passo agora a listar.

**Primeiro**, a notória capacidade do autor em formular sínteses a partir de uma ampla discussão construída ao longo dos séculos pelo conjunto dos historiadores. Assim sejam os quadros apresentados nas páginas 14 e 16 do livro, reunindo os avanços produzidos pela Historiografia do século XIX e XX, respectivamente; o que nos permite ter um panorama geral do contexto anterior ao tema central do livro e projetar a dinâmica posterior a ser perseguida. Tais sínteses explicativas são a marca também de livros como *O campo da História* (2005), *Expansão da História* (2013) e *Os conceitos* (2016), da mesma lavra autoral.

**Segundo**, a não menos notória capacidade do autor em apresentar, numa linguagem clara, problemas complexos, por vezes, quase inacessíveis na voz ou na letra de outros. Desse modo, o próprio autor cumpre com exemplaridade aquilo que propõe no quarto capítulo dedicado à *Criatividade na Escrita*, sendo o próprio livro um exemplo de como seguir nesse caminho. Como é também a marca dos cinco volumes de *Teoria da História* (2011-2012) e *O tempo dos historiadores* (2013) que tratam iminentemente de problemas teóricos e metodológicos e ainda de *Papa, Imperadores e Hereges na Idade Média* (2012) com resultados de pesquisas empíricas do medievalista D’Assunção Barros. Esses textos tratam de temas complexos, quase sempre mais difíceis de serem vazados numa linguagem simples, sem que percam a complexidade, tarefa que o autor reconhecidamente cumpre com êxito.

**Terceiro**, o livro reforça a importância de uma *história inclusiva* – nos capítulos sobre *Variedade e Abrangência* –, ou seja, uma produção acadêmica mais plural, democrática e representativa das minorias sociais, ressaltando questões em torno “do que

se fala?”, “quem fala?”, “a quem se fala?” e temáticas específicas relacionadas às mulheres, negros e indígenas. Essa abordagem é o mote central de livros como *Construção Social da cor* (2009) e *Igualdade e diferença* (2016) e é um ganho conquistado desde as últimas décadas do século XX – como o próprio autor ressalta – e que tem se firmado como os polos mais dinâmicos da Historiografia. Desse modo, faz sentido que figurem entre *os novos desafios* que se nos apresentam, não como novidades, mas como conquistas a serem mantidas e consolidadas, sobretudo em tempos de revisionismos, de ataque às Universidades, aos pesquisadores e aos movimentos sociais que representam essas demandas. Tal comprometimento, por parte dos historiadores e dos intelectuais de modo em geral, tem imensa relevância quando constatamos no cenário atual a nomeação de pessoas para a chefia de entidades de representação ou funções públicas cujo discurso e prática contradizem flagrantemente os interesses e as lutas dos grupos que deveriam ser fortalecidos.

**Quarto**, a clarividência do autor para antever temas e problemas novos no campo da História. Com uma visão futurística e linguagem metafórica, o autor coloca questões que poderão ser desenvolvidas por pesquisadores num futuro próximo, pelo uso de novas fontes, novas interdisciplinaridades ou desdobramentos de abordagens já consagradas no próprio universo historiográfico. O diálogo sugerido com a Genômica para entender o próprio corpo humano como objeto da História e as potencialidades de uso das fontes da informática e das redes sociais para a constituição de uma História Virtual, exemplos apresentados pelo autor como novas trincheiras que se abrem.

Sobre esse segundo aspecto cabe um adendo. O autor vem apresen-

tando esse tema em pelo menos uma das obras extensas: *Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos* (2019). Nesse, como no livro aqui em tela, a questão em torno dos usos de fontes virtuais é apenas esboçada em termos de possibilidades. É sintomático que, no quadro contendo a taxonomia das Fontes Materiais, Imateriais, de Conteúdo e Virtuais (p.60), o único que aparece ainda em branco seja exatamente o que trata desse último tipo de material a ser incorporado nos usos historiográficos. Isso demonstra uma ausência de referencial teórico-metodológico a ser construído e que exigirá um esforço – segundo penso – muito maior que os outros *desafios* apresentados.

Penso em problemas que envolvam a percepção do tempo histórico através desse tipo de fontes; aportes conceituais que deem conta dessa nova experiência de espaço-tempo; questões sobre referencialidade e efeito de realidade; linguagem, representações e narrativas, entre tantas outras da mesma ordem. Sem falar nas infundáveis possibilidades de temas que podem emergir do universo virtual. Sobre esse tema e outros que possa substanciar uma História e Historiografia Digital, as discussões encaminhadas por Anitta Lucchesi (Universidade de Luxemburgo) e Pedro Telles da Silveira (UFRGS) são as mais avançadas que conheço.

**Quinto**, a eficiência no diálogo interdisciplinar. Esse é um ponto central em quase todos os livros de D’Assunção Barros e não poderia deixar de estar presente entre *os desafios* da historiografia do século XXI. Sua dupla formação como historiador e músico lhe habilita a falar com propriedade sobre essa dimensão que vem sendo discutida desde *O Projeto de Pesquisa em História* (2004), aprofundada com distinta competência autoral no IV volume de *Teoria da História*

(2011), sobre os “acordes historiográficos”, e visitados em livros específicos como *Cidade e História* (2007), *História Comparada* (2014), *História, Espaço, Geografia* (2017), *Interdisciplinaridade na História e outros campos de saber* (2019) e inúmeros artigos em revistas especializadas onde trata das relações entre História e outras disciplinas.

A interdisciplinaridade, como o autor aponta, é uma das principais contribuições da historiografia francesa desde as primeiras décadas do século XX e hoje é fator indispensável em qualquer análise histórica. Contudo, ao falar em “novas interdisciplinaridades”, Barros chama atenção para um diálogo inovador. A Literatura, a Música, o Cinema, por exemplo, são ferramentas utilizadas há bastante tempo pelos historiadores, mas, quase sempre tomadas como objeto ou fonte histórica. A sugestão encaminhada pelo autor é que estas – bem como outras áreas de saber – sirvam não apenas como suporte para as reflexões históricas e sim como interface capaz de produzir novas maneiras de *fazer, ver e pensar* historicamente.

**Sexto**, como já fizemos notar, é o próprio formato do livro. Um texto sucinto, com linguagem acessível, passando diversos temas e problemas, num diálogo intertextual profícuo que permite ao autor retomar, rediscutir suas próprias análises e, a partir disso, apontar os novos caminhos. Presando por uma fala direta, desloca-se as notas para o final do livro. Formato que par-

ticulamente não me agrada, mas, que se justifica por ser um texto oriundo de conferência, em que a escrita cede lugar à exposição oral e as regras acadêmicas são flexibilizadas em função da comunicação imediata. Contudo, o leitor mais criterioso pode recuperar, sem maiores prejuízo, os percursos, as sugestões de leitura e os excelentes comentários do autor acrescentados posteriormente para a publicação.

O livro permite, sobretudo, ao leitor atento e crítico ter uma visão de contexto de temas que costumam aparecer dispersos. Permite construir seus próprios quadros gerais, questionar e enriquecer aqueles propostos pelo autor. Possibilita localizar novos temas de pesquisas e sugerir abordagens inovadoras. Encoraja a incorporar estes desafios e localizar outros no universo das pesquisas específicas, visando a uma produção acadêmica mais qualificada em termos científicos e mais alijada em termos estéticos. Autoriza a responder as questões levantadas no livro em que o autor, por limite de tempo, páginas, ou formação, não responde e não teria como responder sozinho. Daí o caráter provocativo e convocatório que marca o livro do começo ao fim.

Enfim, um ponto mais a acrescentar, valendo-me aqui de uma figura de linguagem das redes sociais, diria que *Seis Desafios para a Historiografia do Novo Milênio* tem outro problema: ele termina! Resta-nos, portanto, esperar as próximas páginas do mesmo autor ou daqueles que se sentirão estimulados pela leitura do livro.

***O(s) autor(es) se responsabiliza(m) pelo conteúdo e opiniões expressos no presente artigo, além disso declara(m) que a pesquisa é original.***

**Recebido em 12/03/2020**

**Aprovado em 22/06/2020**